



Biograph



(AUTO)BIOGRAFIA VERSUS FORMAÇÃO PROFISSIONAL

ARRUDA, ROSANA FÁTIMA DE.
EMEB Antonio J. Arruda
rosanafarruda@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto autobiográfico promove a imersão reflexiva do sujeito em olhar para o seu eu, no pensar-se a própria história compreendendo as interpelações vividas e que aspectos a marcaram para que seu caminho fosse traçado.

Segundo Carvalho (2000, p. 16) os trabalhos autobiográficos “podem ser pensados como um exercício da escrita de si.”

Decerto, o texto se constituiu no diálogo reflexivo de lembranças, memórias e aspectos profissionais com os estudos acadêmicos de Skidemore (1976); Louro (2008); Camargo (2010); Neves (2010) e Flick (2009) na tentativa de responder a questão: Que fatores aparecem no histórico de vida do sujeito que o levou a ser o profissional que é?

LEMBRANÇAS DO PROCESSO ESCOLAR

Narrar sobre autobiografia não é um exercício muito tranquilo, preocupa-se os limites da exposição da vida privada e o público. Coaduno com as reflexões de Neves (2010) na tomada de decisão, entre o que deve e merece ser narrado, celebrado e o que deve ser excluído; as descrições, as análises; como evitar a tendenciosidade sem cair na armadilha de converter este momento em uma vaidade improdutiva.

De origem rural, fez-se necessário a vinda de parte da família para a cidade para que ela [a investigada] e suas irmãs tivessem acesso à escolarização. Sob a responsabilidade e cuidado da irmã mais velha [15 anos] em 1982, aos sete anos de idade, iniciou o processo de escolarização.

A pobreza muito marcante determinava a forma como vestia, calçava e o que tinha de material escolar. Carrega sinais no corpo das muitas feridas que fizeram parte da sua infância:

furúnculo, berne, sarna, bicho geográfico, bicho de porco e outras moléstias em decorrência da salubridade, pobreza e higienização.

Tudo eram muito difícil e distante dos sonhos, contrário do lanche escolar que era uma realidade próxima e palpável para ela e suas irmãs, a escola era a sobrevivência. O lanche em toda a vida primária foi circunstancial para o desempenho e sobrevivência escolar.

No primário alfabetizou rápido, aprendeu a tabuada com tranquilidade, muito prestativa submetia a situações humilhantes. Um fato muito marcante aconteceu na terceira série quando a professora no final do ano decidiu fazer uma confraternização e pediu bolos e salgados aos alunos.

Não tendo para quem recorrer na produção ou compra de bolos e salgados, porém vendo uma oportunidade de comer coisas gostosas e ganhar um abraço da professora pelo ano que finalizava, quis ir à aula [diz Maria¹ que se emociona até hoje ao lembrar-se da cena], a professora a colocou ao fundo da sala de castigo, não a deixou comer e não deu a lembrancinha que deu a todos.

Outros fatos aconteceram, e todos corroboravam para a introspecção, o baixo estima medo de exposição, sentimentos de inferioridade e vergonha. Mas, interiormente ela acreditava no seu potencial, queria estudar, mostrar ao pai que era inteligente, que era alguém ou podia ser alguém.

Percebe-se que a educação como um caminho de ascensão, por si só, não tem dado conta de responder aos anseios do negro, pois segundo a militância e intelectuais negros a escola também tem responsabilidade na perpetuação das desigualdades raciais, o que dificulta ainda mais o processo de ascensão do negro. (SANTOS 2005; COSTA, 2006)

Maria esforçava-se em seus estudos, para não ouvir a música “Não sabe, não sabe, vai ter que aprender. Orelha de burro, cabeça de et.” Mas não era fácil, não tinha livros, naquela época o MEC não distribuía livros, cada aluno tinha que comprar o seu livro. O que fazia Maria? Copiava rapidamente as atividades da sala, emprestava o livro das colegas e antecipava o texto que a professora trabalharia na aula posterior.

No ginásio, queria chamar atenção dos meninos mais do que das professoras, a dedicação ao estudo por um momento diminuiu. Mas os meninos, não queriam nem pegar na sua mão em apresentação, quanto mais namorar. Tudo porque era “feia”, em outras palavras por causa da cor e do cabelo.

¹ Nome fictício para preservar a identidade da investigada.

Por um tempo se vestiu e se escondeu em vestimentas masculinizadas, para não sofrer as humilhações e exclusão de ser chamada de feia. Conforme Louro (2007, p. 03) ao discutir o que é tolerável na construção da sexualidade discorre o seguinte:

É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres.

Diante das vivências se construiu como mulher, envergonhada das características físicas, Maria desejava *“até não importo de ser negra, mais queria ter um cabelo bom. Não precisa ser liso, mas cacheado igual de Lia.”*

Cresceu se percebendo inferior, sem lugar, a margem da sociedade. E por um bom tempo se reservou a ouvir, calar e não ousar. Deixava o sonho de lado, para atender aos sonhos de outros, que a seu entender era merecedor.

Para Skidmore (1976), Souza (1983), Nogueira (1985), Schwarcz (1993), Munanga (2010), Costa (2007), a ideologia do branqueamento influenciou e manifestou fortemente na história da população brasileira, tendo como reflexo devastador o racismo, que baseado na cor da pele permitiu e permite a distribuição dos indivíduos em diferentes posições da classe social, julgando quem são os superiores e inferiores.

Como tudo há as exceções, no universo educacional houve alguns professores que ajudaram nessa caminhada de superação e compreensão da condição e posição humana.

Cito um professor de história, que se interessou pelas vivências de Maria, e colaborou o quanto pode para o seu sucesso escolar. Dizia-lhe que conseguiria que precisava dedicação maior aos estudos para ser o alguém que desejava.

Fez magistério, realizando um sonho de criança. Quando leciona, segundo relato se realiza, pois vê que é capaz de realizar ao que se propõem profissionalmente. E ao realizar o seu trabalho ajuda a concretizar sonhos, isso lhe parece maravilhoso!

Relata Maria: *“Hoje consigo, analisar o aspecto sócio-histórico que o Brasil vivenciou na década de 80, as várias crises econômicas que acarretava a população, em especial ao pobre, a limitação das realizações de desejos simples.”*

Um dos pilares que o Brasil se constituiu é o da estrutura social dividida em classes, a outra é a questão racial que até a data da escolarização no ensino médio de Maria, não era considerada uma questão a ser refletida, muito menos discutida em escola como problema social. Porém, ambas são estruturas determinantes da definição do lugar e não lugar dos sujeitos na sociedade.

Pensar em questões étnico-raciais, segundo a investigada:

É pensar na minha própria identidade e na história que construiu a representação do negro neste país. Lembro-me que sentia olhares na escola que assinalavam que meu futuro não seria promissor. Sentia que cada ano escolarizado era marcado pela superação de estereótipos, preconceito e discriminação. Contudo, sentia-me impelida a entender as razões de ordem sociais que me provocaram tantas dores. Como esses discursos pautados no racismo persistiam e por que existiam? Por que na escola era tratada com certa indiferença ou por meio de jocosos apelidos? E por que me sentia envergonhada da minha identidade negra? Como professora, venho enfrentando essas mesmas questões no cotidiano escolar com atitudes preconceituosas dos meus alunos, dos seus pais e dos meus colegas, mesmo sendo negros. Na busca de ampliar essa discussão que decidi há três anos participar primeiramente como aluna e depois como tutora de um grupo de formação à distância sobre a questão racial. (MARIA)

Esse contexto promoveu profundas reflexões em Maria, ela começou a perceber que o seu comportamento e atitudes, muitas vezes, reproduzia o mesmo comportamento racista que outrora questionara. Com auxílio dos estudos chegou à conclusão que há um discurso silencioso que constrói as hierarquias raciais, a noção de civilizados, os registros da história que traz os conquistadores versus os conquistados que devem ser civilizados.

A compreensão dos fatos se deu justamente no rememorar de situações, brincadeiras que ofendiam, mas que compreendida pela maioria das pessoas como normal. Ao tomar consciência e compreensão das situações de preconceitos e discriminação passou a entender quem era e a ressignificar a sua identidade.

Segundo Carvalho apud Neves (2010, p. 124) “A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária.”

Ou seja, partindo do pressuposto que identidade não é, nem está estática, mas em movimento, em construção com o que ouvimos, sentimos, aceitamos e negamos. É na relação e interação com o outro e consigo mesmo que construímos aquilo que somos. (Hall, 2000)

De acordo com Neves (2010), nossas histórias não são neutras, nós não somos neutros, somos resultados de políticas e reformas educacionais que paulatinamente colaboram para nossa identidade. Nesse sentido, a formação deve se apresentar como suporte para as atualizações do professor, que precisa se fortalecer como profissão, elaborando no seu espaço escolar sua identidade, num movimento crítico reflexivo da sua história pessoal e profissional.

Formação Profissional

A vida acadêmica de Maria, também, foi consolidada em escola pública, as instituições públicas apesar de suas mazelas trazem consigo o empoderamento das discussões reflexões e mobilizações não presentes em instituições particulares.

A graduação (pedagogia 1994-2000) foi feita na UFMT. A UFMT naquele período reorganizava o curso de pedagogia em busca de sua identidade, e na mesma ocasião o município de Várzea Grande ao qual é concursada, também murmurava discussões sobre gestão democrática e gestão participativa, essas discussões influenciaram bastante a sua formação.

Foi percebendo participante do processo e se tornando professora, buscou outros cursos que a ajudaram a compreender situações que o curso da graduação não conseguia lhe explicar. Foi empoderando-se de discursos, representações que contribuíram para a sua identidade profissional.

Após a graduação assumiu salas de alfabetização, os primeiros contatos foram muitos difíceis, naquele momento carecia de conhecimento sobre a concepção do conhecimento, da aprendizagem, do desenvolvimento humano, enfim faltava referência teórica para desenvolver uma boa prática de alfabetização.

No desejo de ser uma profissional qualificada para a alfabetização, procurou formação específica e então fez o curso de especialização em “*O Fazer Pedagógico nas Series Iniciais do Ensino Fundamental pelo Instituto de Várzea-grandense de Educação (IVE)*”. Pôde com o curso melhorar a prática, e assim, tentar estabelecer a relação da teoria com a prática, não satisfeita fez o curso “*Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)*”, oferecido pelo MEC para professores alfabetizadores e tinha como conteúdos o conhecimento a cerca da psicogênese da escrita. A estratégia, a didática utilizada era muito riquíssima e

produtiva, proporcionava o ir e vir na prática. Pode-se dizer que as palavras chaves eram reflexão-prática-reflexão.

Tão logo estava acomodada com o processo de alfabetização se desafiou a enfrentar outro nível de escolarização, a Educação Infantil. Para essa modalidade de educação lhe faltava saber, como tratar as crianças? Que conteúdo trabalhar? Alfabetizar ou não as crianças? Eram tantas as perguntas que procurou outra especialização, agora em Educação Infantil feita pela UFMT. Trabalhava o dia todo, um período com alfabetização, outro com a Educação Infantil e a noite frequentava o curso de especialização.

A atividade era desgastante, porém aprendeu e descobriu outras maravilhas sobre a Educação Infantil que a conduziu, anos após anos, nessa etapa de escolarização.

Em 2008, assumiu a função de coordenadora da escola que trabalhou por 15 anos, esta condição a oportunizou algumas reorganizações no trabalho escolar que lhe consumiram a visão particularizada da sala de aula, para uma visão geral da escola. Esse envolvimento lhe possibilitou fazer comparações e análise mais gerais do desempenho escolar dos alunos da escola. E foi na tentativa de compreender essas diferenças de tratamento, que interessou pela temática racial, buscou por outra especialização, agora em “*Educação para as relações étnico-raciais na sociedade brasileira*”, e começou a observar a própria postura, enquanto pessoa e profissional, e assustou com o que viu.

Está no imaginário social às ideias racistas (Muller, 2009) e quaisquer uns negros, brancos e amarelos compreendem a raça hierarquizada, os civilizados, os desbravadores, os conquistadores versus os conquistados a ser civilizados.

E há pouco tempo, segundo Maria, começou a perceber que nesse processo há uma minoria de pessoas que enxergam e discursam diferentes. E essa compreensão, esse entendimento se deu na formação com leituras, reflexões, num movimento dialético consigo mesma e com o mundo a sua volta.

Acredito que essas mudanças de comportamentos são devido às muitas discussões e formações efetivadas por vias públicas. Sinto necessidade de melhorar meus estudos de ter maiores referências bibliográficas, de fazer inferências além do senso comum, de compreender as formações à distância em relações raciais e sua contribuição nas construções identitária dos aprendentes. (MARIA)

Os dados de IBGE (2011) ao divulgar o estudo *Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: Um Estudo das Categorias de Classificação de Cor e Raça* (PCERP)

destaca como um dos resultados que 63,7% dos entrevistados afirmam que a cor ou raça influencia na vida das pessoas. Em Mato Grosso, uma das federações pesquisadas observa-se que 59,6% das pessoas afirmam essa influência.

Conforme Jesus (2010) não se trata mais de saber se existe ou não discriminação, pois já é fato constatado em pesquisas, é preciso criar políticas públicas de equidade, com abertura e respeito ao diferente. De forma que o diferente não se evidencie em desigualdade social.

Nessa perspectiva, compreendo que a construção da identidade é um processo baseado em práticas sociais, culturais e éticas. Munanga (2010, p.64) já dizia “a construção social da identidade se produz sempre num contexto caracterizado pelas relações de força.”

Nessa relação de poder, que as pessoas de origem afro-brasileira através da discriminação aprendem a identificar no branco o ideário de beleza, de força e/ou rejeita a identidade negra. Muitos professores colegas de trabalho de Maria se autodeclararam pardos, morenos claros, morenos escuros, não consideram de descendência negra. Quando questionados, sentem constrangidos, confusos, acabam na verdade não compreendendo tais práticas.

A angústia e o desejo de resolver as tensões das relações raciais, mais uma vez, a levou a mais uma formação acadêmica, não resolveu os problemas que lhe afligia, contudo deu-lhe suporte teórico para compreender a complexa relação racial e desenvolver estratégias para trabalhar a temática na sala do professor e no próprio currículo escolar.

Sabia que precisava qualificar cada vez mais seus saberes, mas o tempo era meu inimigo. Daí, que a Educação a Distância (EaD) surgiu na vida de Maria como forma de qualificação e formação no trabalho. E de repente, toda as formações ocorriam através da EaD.

A EaD emergiu no cenário mundial com o intuito de atender o mercado de trabalho, produzindo educação em grande escala e com baixo custo. Esta modalidade sem dúvida veio democratizar a educação e oportunizar escolhas aos que estavam à margem.

Contudo, também é uma modalidade de ensino aprendizagem marcada por decisões políticas e por isto influenciadas pelas ideologias de poder. Ou seja, os discursos que ocorre no Projeto Político Pedagógico e nos instrumentos didático como nos fóruns de aprendizagem, nos fascículos e conteúdos são representações que influenciam a construção da identidade, e estão impregnadas de representações sociais que reproduzem as ideologias hegemônicas de poder.

O MEC através da *Universidade Aberta do Brasil* (UAB) tem contemplado ações afirmativas que buscam ajustar as desigualdades sociais. Maria fala das oportunidades de estudos:

Infelizmente toda a minha vida, eu e minha família, fomos marcados e excluídos da sociedade, as oportunidades diminuídas e os esforços dobrados para conseguirmos estudar. Além do meu esforço contei com pessoas que me auxiliaram na trajetória profissional, estimulando e orientando. Cito como exemplo a seleção para mestrado no IL e IE da UFMT, o auxílio de um professor, que pacientemente, uma vez por semana encontra comigo para estudar [...] (MARIA)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) reconhecendo as desigualdades de direitos, recorrentes do sistema ideológico eurocêntrico que discrimina e exclui o descendente étnico da cultura negra, propôs ao Sistema Educacional, trabalho educativo voltado à reconstrução da identidade nacional, respaldado sobre a diversidade cultural, de forma a construir um processo educacional com ética, com comportamentos desejáveis em relação aos afro-brasileiros.

O texto *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*, do PCNs (1997) compreende que a escola foi veículo de disseminação da ideia do mito da democracia racial, corroborando para as desigualdades sociais e no decorrer dos anos práticas discriminatórias foram desenvolvidas.

O documento traz a meu ver avanços com relação aos conteúdos proposto, pois já articulava as reivindicações e lutas do movimento negro no que refere à valorização das contribuições afro-brasileira antes da alteração na LDB 9394/96 pela Lei 10.639/03 que inclui conhecimentos históricos e geográficos referente à História da cultura afro-brasileira e africana.

A Pós-Graduação

Como professora, Maria se via como intelectual e pesquisadora. E assim, construiu sua prática, e a cada dificuldade encontrada em sala de aula buscava desenvolver um projeto de intervenção. A sua maneira desenvolveu discussões teóricas que achava pertinente sobre sua prática, apresentava a gestão escolar e os pais para apreciação, e sempre foram aprovadas por eles.

Na ânsia de resolver os problemas usando as técnicas pedagógicas e de pesquisa, tentou o processo seletivo para mestrado em Educação/ UFMT por três vezes e passou em

todas as provas escritas. Maria lamenta: *“Até hoje não sei dizer, ao certo, o que me fez reprovar nas entrevistas de dois processos seletivos.”*

Segundo Maria, em um dos processos seletivos exigiram o currículo lattes, ao preenchê-los descobriu que o termo professora pesquisadora que usava para se designar como professora, não se validava, os relatos de experiências praticados na escola para aquele documento não era válido. Foi então, que percebeu a necessidade de tomar nova postura.

Vinculado ao grupo de estudos do *Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação* (NEPRE) do Instituto de Educação (IE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), fortaleceu as leituras, as ideias, as propostas, as iniciativas quanto ao trabalho com a questão racial, e assim definiu melhor o objeto de pesquisa. Em 2011, novamente prestou, ao mesmo tempo, dois processos seletivos para mestrado, um no Instituto de Linguagem e outro no Instituto de Educação e para felicidade de Maria, passou nos dois processos seletivos e ao final pôde escolher ficar no Instituto de Educação.

Com a satisfação de ter conseguido inserir-se no mestrado produziu e apresentou artigos em Congressos, Seminários e Encontros melhorando suas leituras e aprimorando o ato de pesquisar.

Nessa direção, apresentou trabalhos na II Conferência Internacional do Centro de Estudos Africanos (CEA), na África, Moçambique, num processo formativo, de investidura, frutos de trabalho compartilhado, pois as participações em atividades científicas e pedagógicas foram possíveis por estar inserida numa rede de relações que a fortalece na pesquisa.

Compartilho Silva (2011, p. 142) quando afirma *“Os êxitos alcançados não são somente do indivíduo que se sacrificou, mas de todos os que o acompanharam.”*

Maria finalizou o curso de mestrado, porém não finalizou sua trajetória de formação. Como ela mesma afirma:

“[...] após pesquisas, reflexões e muitas leituras sobre as teorias racistas, na construção do sentido de nacionalidade brasileira, se verifica que a educação muito contribuiu e contribui para a presença do fenômeno racista. Por isso, hoje com o mestrado, digo: finalizei uma etapa de escolarização e formação, mas não o meu processo educacional. Tem-se muito a ser feito pela educação para as relações étnico-raciais. É preciso pensar a educação responsabilidade e compromisso, de se perceber o diferente como potencial e não como desigualdade. (MARIA).”

Como dizia Paulo Freire (1996) não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco.

METODOLOGIA

É importante destacar que a pesquisa em foco é do campo da Ciência da Educação que faz parte do chamado grupo das Ciências Sociais que segundo Nogueira (1917, p. 7) é “daqueles ramos do conhecimento que se ocupam do comportamento humano, procurando descrever suas múltiplas modalidades em termos os mais precisos, para depois explicá-las e interpretá-las.”

Assim, a pesquisa norteará pela abordagem qualitativa, por considerar a “análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (Flick, 2009, p.37).

A metodologia de pesquisa é de caráter qualitativo que permite o recorte interpretativo da realidade voltado para o estudo autobiográfico. O instrumento utilizado para coleta de informação documental foi o memorial. Na análise buscou-se compreender a relação da ideologia social com a materialização do discurso da pesquisada² e o seu comportamento.

Nessa perspectiva, a metodologia de pesquisa caracteriza-se pelo método dialético, ao considerar a trajetória das desigualdades sociais como fenômeno humano, as quais, as contradições e paradigmas sociais vão se configurando requerendo reestruturação e solução do problema aparente e implícito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Maria tem compreensão histórica social das determinações raciais no seu contexto biográfico, tem elementos teóricos para refletir as ações pedagógicas que se evidenciam e organiza sua ação pedagógica em prol do respeito à diversidade étnico-racial.

Enfim, compreende que a ação educativa na questão racial está envolta a uma série de articulação de ações políticas e pedagógicas que favorece ao que interpelam sobre formações e identidade afro-brasileira e africana.

² A pesquisada receberá o nome fictício de Maria para preservar sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das indagações e reflexões que originaram este memorial biográfico, outras compreensões importantes o estudo trouxe a tona: o reconhecimento da exclusão escolar que vive a maioria dos negros, e que fazer parte dos números da graduação e da pós-graduação significa um rompimento da segregação racial educacional e vitória à vista dos familiares que se sentem representados e orgulhosos dos filhos que ascendem.

As discussões sobre as questões raciais evidência as desigualdades educacionais no Brasil e transforma o percurso educação; antes as instituições federais de ensino superior eram lugar de brancos, hoje há a presença, significativa, de negros que transgridem a lógica do lugar de branco e ascendem profissionalmente por acessar o ensino superior.

Mediante a biografia percebeu-se a importância das instituições na vida e na formação de valores e prática sociais que foram orientando e articulando para a promoção do que é Maria hoje. Constata-se também que a formação não está pronta e acabada, mas num processo de construção e reestruturação de comportamentos, opiniões e reflexão a cerca de assuntos que foram determinantes na vida de Maria como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Brasília:MEC/SEF, 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução Joice Elias Costa. – 3. – Porto Alegre: Artemd, 2009.

JESUS, Lori Hack de. **Alunos negros do Ensino médio de Tapurah**: trajetórias de vida e estudo. Cuiabá: EdUMT, 2010.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo Citação (org.)/ Vivian Carla Calixto dos Santos (colab.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

COSTA, Candida Soares. **A População Negra na História Da Educação Brasileira**. 2009. Disponível em: <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt15/ComunicacaoOral/CANDIDA%20SOARES%20DA%20COSTA.pdf> Acessado em 17/07/2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita e narrativa autobiográfica**: implicações na formação docente. In: *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação*. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo Citação (org.) / Vivian Carla Calixto dos Santos (colab.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei no 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientista, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDEMORE, Tomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.